

ANÁLISE DO FUNCIONAMENTO ATÍPICO DO CONECTOR *QUANDO* COMO MARCA DE REFORMULAÇÃO

Gustavo Ximenes Cunha¹

ximenescunha@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar o funcionamento do conector *quando* em sete sequências narrativas de reportagens das revistas “Época” e “Veja”. Nessa sequências, o conector funciona como marca de reformulação, porque introduz informações que visam a esclarecer o sentido de uma expressão nominal ou de um pronome presente no constituinte textual que antecede o conector. Para evidenciar a função reformulativa do conector *quando*, apresento, inicialmente, a distinção proposta pelo Modelo de Análise Modular do Discurso entre reformulação parafrástica e reformulação não-parafrástica. Em seguida, descrevo o conector *quando* como marca de reformulação parafrástica, descrição que consistiu na aplicação de cinco testes formais nas sete sequências. Este artigo expõe a aplicação dos testes em apenas uma das sequências mencionadas e em uma sequência, cujo conector *quando* exibe um emprego temporal típico. A análise contrastiva dessas duas sequências mostrou que o *quando* reformulativo, diferentemente do *quando* temporal, não pode ser substituído por conectores de tempo (1º teste), pode ser substituído por outros conectores de reformulação (2º teste), pode ser substituído por dois-pontos (3º teste), aceita que os constituintes textuais que articula sejam transformados em pergunta e resposta (4º teste) e não aceita a inversão desses constituintes (5º teste). O resultado da aplicação desses testes permitiu constatar que em sete sequências do corpus o *quando* atua como marca de reformulação parafrástica e não como marca de relações de tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Conector *quando*; marca de reformulação; relações de discurso.

INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolve uma pesquisa maior (Cunha, 2010), cujo objetivo foi descrever as propriedades gerais de 28 ocorrências do conector *quando* presentes em um corpus de análise formado por sequências narrativas de reportagens das revistas “Época” e “Veja” publicadas em janeiro de 2010. Naquela pesquisa, observei que a maior parte das ocorrências do conector constantes do corpus marca relações temporais (sucessão e regressão), porque encadeia acontecimentos de forma a localizá-los temporalmente uns em relação aos outros.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Mas, diferentemente dessas ocorrências, o *quando*, em sete sequências do corpus, introduz informações que visam a esclarecer o sentido de uma expressão nominal ou de um pronome presente no constituinte textual (ato) que antecede o conector, levando o leitor a compreender melhor a expressão ou o pronome. Por isso, nessas ocorrências, o conector *quando* não exhibe o seu funcionamento típico, que é marcar relações temporais², e parece funcionar como marca de reformulação. Em Cunha (2010), não procedi a uma análise detalhada das sete ocorrências mencionadas, limitando-me a indicar que o *quando* parece atuar também como conector reformulativo. Essa análise mais detalhada constitui o objetivo do presente trabalho.

Para realizar essa análise, apresento inicialmente o Modelo de Análise Modular do Discurso, quadro teórico com base no qual se desenvolve o estudo, explicitando a distinção entre reformulação parafrástica e reformulação não-parafrástica (item 1). Em seguida, passo à descrição do conector *quando* como marca de reformulação parafrástica, descrição que consiste na aplicação de cinco testes formais nas sete sequências (item 2). Por motivo de espaço, o item 2 deste artigo expõe a aplicação dos testes em apenas uma das sete sequências mencionadas e em uma sequência narrativa, cujo conector *quando* exhibe um emprego temporal típico. A análise contrastiva dessas duas sequências tornará mais evidente as diferenças de emprego entre o *quando* reformulativo e o *quando* temporal. Por fim, apresento um balanço dessa análise, esquematizando os resultados da aplicação dos testes por meio de um quadro-síntese (2.1).

1. MODELO DE ANÁLISE MODULAR DO DISCURSO

Em sua versão atual, o Modelo de Análise Modular do Discurso (Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001, Marinho; Pires; Villela, 2007) configura-se como um sistema de análise, que integra e articula as dimensões linguística, textual e situacional da organização do discurso. Reconhecendo que o discurso é um objeto complexo, cuja organização e cujo funcionamento envolvem aspectos de diferentes dimensões, Roulet (Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001) postula que o discurso pode, inicialmente, ser decomposto em um número restrito de subsistemas de

² Encontram-se descrições do emprego típico do conector *quando* em Mira Mateus (2006), Guimarães (2007) e Ilari (2008).

informações (ou módulos³). Descritos os módulos, que definem as informações de base que participam do discurso, o modelo considera que essas informações podem ser combinadas em formas de organização, a fim de se descreverem os diferentes aspectos envolvidos na produção e na interpretação da organização discursiva⁴.

Nessa perspectiva, o modelo modular, sem desconsiderar a flutuação conceitual de que as noções de texto e discurso têm sido objeto nos últimos tempos, postula que o texto diz respeito à forma como os constituintes textuais (trocas, intervenções e atos languageiros) se organizam hierarquicamente, ao passo que o discurso constitui o ponto de interseção das dimensões linguística, textual e situacional. Nesse sentido, o texto constitui uma dimensão específica do discurso (Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001).

No modelo, o estudo das relações de discurso e dos conectores se faz na forma de organização relacional. Nessa forma de organização, a finalidade é descrever a hierarquia entre os constituintes do texto, bem como as relações de discurso que se estabelecem entre esses constituintes e informações da memória discursiva⁵. As relações de discurso entre um constituinte textual e uma informação da memória discursiva, frequentemente com origem no constituinte anterior, são estudadas com base em oito categorias genéricas de relações discursivas: argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, sucessão, preparação, comentário e clarificação.

Com essas categorias, o objetivo é dar conta do fato de que o produtor de um texto (oral ou escrito), na tentativa de alcançar seus objetivos comunicativos, produz intervenções que podem ser simples e formadas por apenas um ato ou, como é mais frequente, podem ser complexas e formadas por uma grande quantidade de porções textuais hierarquicamente organizadas (Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001). Por meio dessas porções textuais, o locutor pode introduzir argumentos para reforçar um ponto de vista, rejeitar uma ideia com a apresentação de contra-argumentos, comentar partes de seu texto, elaborando-as, reformular informações, tornando-as mais claras para seu interlocutor, etc. A organização de um texto é o resultado dessas diferentes relações entre partes do texto, que ocorrem tanto no nível micro-textual quanto no nível macro-textual. Essas relações podem ou não ser explicitadas por conectores (Marinho, 2006, Roulet, 2006).

³ Cada dimensão do discurso se constitui de módulos. Assim, a dimensão linguística se constitui dos módulos lexical e sintático; a dimensão textual se constitui do módulo hierárquico; e a dimensão situacional se constitui dos módulos interacional e referencial.

⁴ As formas de organização consideradas pelo modelo são: fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial, operacional, periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica.

⁵ A memória discursiva, segundo Berrendoner (1983, p. 230), diz respeito ao “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores”.

No modelo modular, a categoria genérica de reformulação recebeu um tratamento detalhado em estudos realizados por Schelling (1991), Roulet (1987) e Rossari (1993, 2000). Neste trabalho, adoto em especial os postulados de Rossari (1993), para quem a categoria genérica de reformulação se divide em duas subcategorias: a parafrástica e a não-parafrástica.

A reformulação parafrástica se caracteriza pela existência de uma equivalência semântica entre dois constituintes textuais (atos ou intervenções). Segundo Rossari (1993), o locutor, por meio da reformulação parafrástica, busca completar, ratificar ou clarificar a informação expressa no primeiro constituinte e apresenta as informações dos dois constituintes como devendo ser consideradas equivalentes pelo interlocutor. Nesse sentido, o locutor procura manter um elo estreito de identidade entre os conteúdos proposicionais dos constituintes (Gülich; Kotschi, 1983). Nesse tipo de reformulação, os constituintes podem ou não ser articulados por um conector. Em português, alguns conectores que marcam a reformulação parafrástica são: *ou seja, isto é, a saber, em outros termos*.

Já a reformulação não-parafrástica permite ao locutor operar uma retrointerpretação da informação expressa no primeiro constituinte textual. Nessa retrointerpretação, o locutor realiza no segundo constituinte uma mudança de perspectiva enunciativa em relação à informação expressa no primeiro. Essa mudança de perspectiva se traduz por um distanciamento do locutor quanto ao que foi dito no primeiro constituinte e pode ser mais ou menos forte, dependendo do conector empregado. De acordo com Rossari (1993), o uso de um conector é condição fundamental para a emergência da reformulação não-parafrástica. Em português, alguns conectores que marcam esse tipo de reformulação são: *de fato, na verdade, de qualquer forma, enfim*.

No próximo item, o objetivo é mostrar que em sete sequências do corpus o *quando* parece atuar como marca de reformulação parafrástica.

2. O CONECTOR QUANDO COMO MARCA DE REFORMULAÇÃO PARAFRÁSTICA

Para evidenciar a função reformulativa do conector *quando*, procederei a uma análise contrastiva das duas sequências abaixo, cujos constituintes são articulados pelo conector.

- a. **Quando** a obra começou, as empreiteiras alegaram que era impossível escavar o solo, por questões geológicas.

“Desvios subterrâneos” (Revista Veja, 06/01/2010)

- b. A última intervenção [militar dos EUA no Haiti] ocorreu em 1994, **quando** militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide.

“O futuro brasileiro no Haiti” (Revista Época 22/01/2010)

Na primeira sequência (a), o *quando* funciona como marca da relação de sucessão. Nessa categoria de relação de discurso, o locutor menciona dois acontecimentos diferentes, que se sucedem de forma cronológica. Na outra sequência (b), o *quando* não atua no encadeamento de dois acontecimentos diferentes e parece indicar que entre as duas informações conectadas há uma relação de identidade semântica. Por isso, nessa sequência, o conector parece funcionar como marca de reformulação parafrástica.

A análise contrastiva será feita com base na aplicação de cinco testes, com o fim de evidenciar as diferenças de função do mesmo conector nas duas sequências⁶. Esses testes são:

1º teste: substituição do *quando* por expressões conectivas tipicamente temporais (*depois (de/que), assim que, e*).

2º teste: substituição do *quando* por expressões conectivas tipicamente reformulativas (*isto é, ou seja, a saber*).

3º teste: substituição do *quando* por dois-pontos.

4º teste: transformação dos constituintes textuais ligados pelo *quando* em pergunta e resposta.

5º teste: inversão da ordem dos constituintes textuais ligados pelo *quando*.

Alguns esclarecimentos sobre esses testes são necessários. Os três primeiros são propostos por Roulet (2006) em estudos sobre conectores do francês. Já os dois últimos são propostos por Guimarães (2007) e por Ilari (2008) em estudos sobre conjunções do português. Neste trabalho, os cinco testes não são empregados exatamente da forma como esses autores os empregam, porque os objetivos específicos deste estudo levaram à realização de algumas adaptações nos testes.

⁶ É importante informar que esses testes não foram aplicados apenas nas sequências (a) e (b), mas também nas outras seis sequências em que o *quando* parece funcionar como marca de reformulação parafrástica. Como foi dito no início deste trabalho, não explicito a análise de todas as sequências por motivo de espaço.

1º teste:

A substituição do *quando* por expressões conectivas tipicamente temporais tem como finalidade verificar se, nas sete sequências analisadas, o *quando* não teria função equivalente à dessas expressões. Esse teste mostrou que o *quando* nessas sequências não pode ser substituído por nenhum conector temporal, sob pena de alteração do sentido original.

1) A última intervenção militar dos EUA no Haiti ocorreu em 1994, **depois** militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide.

A sequência original, com *quando*, expressa apenas um acontecimento, que é apresentado no primeiro ato e reformulado ou parafraseado no segundo. A última intervenção militar dos EUA no Haiti é a ajuda dada pelos militares americanos a Jean-Bertrand Aristide. Ao se substituir o *quando* por um conector temporal, os dois atos da sequência passam a expressar dois acontecimentos diferentes, e a relação parafrástica se perde. A última intervenção militar (primeiro ato) e a ajuda militar dos americanos (segundo ato) deixam de ser o mesmo acontecimento verbalizado de duas formas. O mesmo fenômeno ocorreu nas outras seis sequências.

Resultado diferente foi observado na sequência em que o *quando* funciona como marca de sucessão:

2) **Depois que** a obra começou, as empreiteiras alegaram que era impossível escavar o solo, por questões geológicas.

Nela, a substituição do *quando* por *depois que* não altera o sentido original, e os dois conectores se mostram equivalentes. Nessa sequência, os dois atos expressam dois acontecimentos diferentes, que se sucedem de forma cronológica.

2º teste:

O segundo teste tem como fim verificar se, nas sete sequências, o *quando* exerce função equivalente à de marcas de reformulação parafrástica. A substituição do *quando* pelas marcas de reformulação *ou seja* e *isto é* não elimina a relação parafrástica, mas torna as sequências inaceitáveis⁷.

⁷ A inaceitabilidade das sequências foi atestada por um grupo de dez informantes com ensino superior completo em pesquisa por mim realizada informalmente.

3) ? A última intervenção militar dos EUA no Haiti ocorreu em 1994, **ou seja/isto é**, militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide.

Porém, o conector pode ser substituído adequadamente por *a saber*, já que, nesse caso, as sequências não se tornam inaceitáveis, e a relação parafrástica existente entre as informações se mantém.

4) A última intervenção militar dos EUA no Haiti ocorreu em 1994, **a saber**, militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide.

Já na sequência em que o *quando* é marca de sucessão, é impossível substituí-lo por qualquer conector reformulativo. Uma explicação para essa impossibilidade é que, como os conectores reformulativos indicam que a informação que introduzem esclarece ou completa informação já mencionada, é preciso que a informação a ser reformulada seja verbalizada antes do conector. Em outros termos, não é possível reformular uma informação que ainda não foi dada.

5) ? **Isto é/Ou seja/A saber**, a obra começou, as empreiteiras alegaram que era impossível escavar o solo, por questões geológicas.

Mas, ainda que se invertam os atos dessa sequência, a substituição do *quando* por conectores reformulativos continua inaceitável, já que não existe identidade semântica entre as informações conectadas.

6) ? As empreiteiras alegaram que era impossível escavar o solo, por questões geológicas, **isto é/ou seja/a saber**, a obra começou.

3º teste:

No terceiro teste, o objetivo é verificar o efeito de sentido que provoca a substituição do *quando* por dois-pontos. Como uma das funções desse sinal de pontuação é indicar equivalência semântica entre informações, espera-se que a substituição de uma marca de reformulação parafrástica por dois-pontos não cause alterações profundas no sentido original. Confirmando essa expectativa, nas sete sequências em que o *quando* parece atuar como marca de reformulação, a relação parafrástica entre as informações expressas pelos dois atos se mantém, ao se substituir o conector por dois-pontos.

7) A última intervenção militar dos EUA no Haiti ocorreu em 1994: militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide.

Inversamente, na sequência em que o *quando* é marca de sucessão, a eliminação do conector e a inserção de dois-pontos entre os atos alteraram o sentido original, porque esse sinal de pontuação força uma identidade semântica entre as informações, identidade que não existe na sequência:

8) A obra começou: as empreiteiras alegaram que era impossível escavar o solo, por questões geológicas.

Nesse exemplo, a interpretação mais imediata é a de que o começo da obra é a alegação feita pelas empreiteiras. Porém, essa interpretação é incompatível com a da sequência original, porque esta informa que, primeiro, a obra começou e que, depois, as empreiteiras fizeram a alegação.

4º teste:

Nesse teste, os constituintes textuais ligados pelo conector *quando* são transformados em pergunta e resposta. A importância desse teste está em verificar se existe identidade semântica entre as informações expressas nesses constituintes. Mais especificamente, ele permite identificar a expressão nominal ou o pronome que, posicionado no primeiro ato, tem o seu sentido explicitado ou clarificado pela informação introduzida pelo conector, no segundo ato.

Nas sete sequências em que o *quando* parece atuar como marca de reformulação, é possível transformar os constituintes à esquerda e à direita do conector em pergunta e resposta, respectivamente, como mostra o exemplo:

9) A: Como foi a última intervenção militar dos EUA no Haiti ocorrida em 1994?

B: Militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide.

Nesse exemplo, evidencia-se que a fala de B traz informações esclarecedoras sobre a expressão “a última intervenção militar dos EUA no Haiti”, contida na fala de A. Vale informar que algumas das seis sequências não aceitaram bem a construção interrogativa “Como foi X?” Em algumas sequências, a construção interrogativa aceitável foi “Qual foi X?”, como esta:

10) A: Qual foi *a boa notícia de Santiago do Chile* que a oposição ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva está convencida de que recebeu, no domingo?

B: O candidato conservador Sebastián Piñera saiu vitorioso de uma disputa que tem tantas analogias com a situação brasileira que a reta final foi acompanhada de perto por políticos e marqueteiros de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

Talvez essa diferença na estruturação das perguntas se explique pela natureza dos conteúdos referenciais mobilizados em cada sequência, o que deverá ser objeto de estudos mais aprofundados em trabalhos posteriores. Mas, por ora, essa diferença não põe em questão a validade do teste para revelar a identidade semântica das informações expressas.

Se o *quando* como marca de reformulação aceita esse teste, o mesmo resultado não se verifica com a sequência em que o *quando* é marca de sucessão:

11) ? A: Como foi que a obra começou?

B: As empreiteiras alegaram que era impossível escavar o solo, por questões geológicas.

Nesse caso, o par formado pela pergunta e pela resposta não faz sentido, porque a fala de B não responde à pergunta de A. Em outros termos, B não explica ou esclarece o sentido de expressão “a obra” contida na fala de A, já que B não explica em que consiste essa obra ou o que por meio dela será construído.

5º teste:

A finalidade do quinto teste é verificar se, nas sete sequências, a inversão dos atos mantém ou altera o sentido original. Esse teste é importante, porque na relação de reformulação o segundo ato completa ou esclarece o primeiro, o que bloqueia a possibilidade de inversão dos atos. Já na relação de sucessão, a inversão é possível, uma vez que cada ato expressa um acontecimento diferente.

Nas sete sequências consideradas, a ordem dos atos não pode ser invertida, porque a inversão modifica o sentido original.

12) **Quando** militares americanos ajudaram a levar ao poder o ex-padre católico Jean-Bertrand Aristide, a última intervenção militar dos EUA no Haiti ocorreu em 1994.

Ao serem invertidos, os atos passam a expressar dois acontecimentos diferentes e não mais um acontecimento apresentado no primeiro ato e parafraseado ou reformulado no

segundo. Com a inversão, o *quando* deixa de marcar uma relação de reformulação parafrástica para marcar uma relação de sucessão.

Já na sequência em que o *quando* é marca de sucessão, a inversão dos atos não altera o sentido original:

13) As empreiteiras alegaram que era impossível escavar o solo, por questões geológicas, **quando** a obra começou.

Nessa sequência, a inversão dos atos não tem impacto sobre a atuação do *quando*. Assim como na sequência original, ele continua indicando uma relação de tempo entre dois acontecimentos distintos.

2.1 BALANÇO DOS TESTES REALIZADOS

Sustentando a hipótese inicial, os testes aplicados permitiram perceber que o conector *quando*, em sete sequências do corpus, atua como marca de reformulação entre duas informações e não como marca de sucessão entre dois acontecimentos diferentes. Assim como um conector reformulativo e diferentemente de um conector temporal, o *quando* nessas sete sequências não pode ser substituído por conectores temporais (1º teste), pode ser substituído por outros conectores reformulativos (2º teste), pode ser substituído por dois-pontos (3º teste), aceita que os atos que articula sejam transformados em pergunta e resposta (4º teste) e não aceita a inversão desses atos (5º teste). O quadro-síntese abaixo permite visualizar as diferenças entre o *quando* sucessivo e o *quando* reformulativo.

O conector <i>quando</i>	Pode ser substituído por conectores de sucessão?	Pode ser substituído por conectores de reformulação?	Pode ser substituído por dois-pontos?	Aceita a transformação dos atos em pergunta e resposta?	Aceita a inversão dos atos?
Como marca de sucessão	+	-	-	-	+
Como marca de reformulação	-	+	+	+	-

Quadro 1: Síntese da análise do conector *quando*

A título de esclarecimento, seguem abaixo as outras seis sequências do corpus em que o *quando* atua como marca de reformulação. Nessas sequências, os pronomes ou as expressões nominais que têm o seu sentido explicitado ou esclarecido pela informação introduzida pelo *quando* aparecem em itálico e sublinhados.

14) O governo federal se valeu mais uma vez *dessa tática* no dia 23 de dezembro, **quando** um ato do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome alterou as regras de funcionamento do Bolsa Família.

“Bolsa-cabresto” (Revista Veja 27/01/2010)

15) Esse fenômeno começou com *a redemocratização do país*, **quando** os chilenos resolveram pôr um fim à polarização política e apostar no modelo econômico em vigor.

“Vitória na era do consenso” (Revista Veja 27/01/2010)

16) *O primeiro exemplo* ocorreu em junho, **quando** a prefeitura restringiu a circulação de ônibus fretados “para dar fluidez ao trânsito”.

“Na lama com Kassab” (Revista Época 22/01/2010)

17) Kassab voltou a demonstrar *o mesmo tipo de fraqueza* em setembro, **quando** anunciou a redução de cinco para quatro no total de merendas diárias de 60 mil crianças das creches do período integral.

“Na lama com Kassab” (Revista Época 22/01/2010)

18) A oposição ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva está convencida de que recebeu *uma boa notícia de Santiago*, no Chile, no domingo, **quando** o candidato conservador Sebastián Piñera saiu vitorioso de uma disputa que tem tantas analogias com a situação brasileira que a reta final foi acompanhada de perto por políticos e marqueteiros de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro.

“A lição do Chile para o Brasil” (Revista Época 22/01/2010)

19) Foi *o que* ocorreu na semana passada, **quando** o governo venezuelano suspendeu o sinal do canal a cabo RCTV, a emissora mais antiga do país, e de outros cinco pequenos canais independentes.

“A conta do autoritarismo” (Revista Época 30/01/2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolvendo estudo anterior (Cunha, 2010), este trabalho analisou o emprego do conector *quando* em sete sequências de um corpus mais vasto, formado por sequências narrativas retiradas de reportagens. Na análise aqui empreendida, foi possível constatar que nessas sete sequências o *quando* atua como marca de reformulação parafrástica e não como marca de sucessão. Para evidenciar essa função do *quando*, que, até o presente momento, parece não ter sido descrita pelos estudos do texto e do discurso, procedi à aplicação de cinco testes formais nessas sequências. Por meio desses testes, verifiquei que o *quando*

reformulativo exibe um comportamento que o diferencia bastante do *quando* sucessivo. Ao contrário deste, o *quando* reformulativo não equivale a conectores temporais, mas equivale a outros conectores reformulativos, aceita ser substituído por dois-pontos, aceita que os atos que articula sejam transformados em pergunta e resposta e não aceita a inversão desses atos.

Com este trabalho, observam-se os desafios que a descrição da língua em uso coloca para o pesquisador, uma vez que um mesmo item linguístico pode assumir diferentes funções. Como continuação desta pesquisa, a caracterização do *quando* reformulativo pode ser enriquecida com estudos ainda mais específicos, que verifiquem: se esse *quando* é empregado em outros tipos de sequências (descritivas, argumentativas, etc), se e com que frequência ele é empregado em outros gêneros de discurso e quais são as condições linguísticas, textuais e referenciais de emergência dessa função reformulativa do *quando*.

REFERÊNCIAS

1. BERRENDONER, A. “Connecteurs pragmatiques” et anaphore. *Cahiers de linguistique française*, v. 5, 1983.
2. CUNHA, G. X. A atuação do conector *quando* na organização de episódios da sequência narrativa. In: *Anais do II Fórum Internacional de Análise do Discurso: discurso, texto e enunciação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
3. GUIMARÃES, E. *Texto & argumentação: um estudo de conjunções do português*. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2007.
4. GÜLICH, E.; KOTSCHI, T. Les marqueurs de la reformulation paraphrastique. *Cahiers de linguistique française*, v. 5, 1983.
5. ILARI, R. As conjunções. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.) *Gramática do português culto falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.
6. MARINHO, J. H. C. Um estudo da organização relacional de textos acadêmicos. In: LARA, G. M. P. (org.) *Lingua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
7. MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (orgs.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.
8. MIRA MATEUS, M. H., et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

9. ROSSARI, C. *Les opérations de reformulation: analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive français-italien*. Berne: Lang, 1993.
10. ROSSARI, C. *Connecteurs et relations de discours: des liens entre cognition et signification*. Nancy: Presses universitaires de Nancy, 2000.
11. ROULET, E. Complétude interactive et connecteurs reformulatifs. *Cahiers de linguistique française*, v. 8, 1987.
12. ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In: FISCHER, K (Ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006.
13. ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.
14. SCHELLING, M. Propriétés pragmatiques des connecteurs réévaluatifs. In: ROULET, E. et al. *L'Articulation du discours en français contemporain*. Berne: Lang, 1991.

ABSTRACT: The objective of this paper is to examine the functioning of the connector *quando* in seven narratives sequences of reportage. In these sequences, the connector functions as reformulation mark, because it introduces information aimed at clarifying the meaning of a noun phrase or pronoun present in textual constituent preceding the connector. I initially present the distinction proposed by Modular Approach to Discourse Analysis between paraphrastic reformulation and non-paraphrastic reformulation. Then describe the connector *quando* as a paraphrastic reformulation mark, which consisted in the application of five formal testing in seven sequences. This paper outlines the application of the tests in only one of the sequences mentioned and a sequence, whose connector *quando* present a typical temporal employment. The contrastive analysis of these two sequences showed that *quando* as reformulation mark cannot be replaced by temporal connectors (test 1), it may be replaced by other reformulation marks (test 2), it may be replaced by colons (test 3), accepts that the textual components which articulates are transformed into question and answer (test 4) and does not accept the reversal of these constituents (test 5). The result of applying these tests showed that in seven sequences of the corpus *quando* acts as paraphrastic reformulation mark and not as temporal mark.

KEYWORDS: Connector *quando*; reformulation mark; discourse relations.

Recebido no dia 28 de maio de 2011.

Aceito para publicação no dia 29 de julho de 2011.